


Gender roles on Instagram: Post-feminism in the narrative of lawyer @dra.mirianeferreira

Papéis de gênero no Instagram: O pós-feminismo na narrativa da advogada @dra.mirianeferreira

Agda Dias Baeta*

*  Department of Philosophy, Communication and Information, Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra (FLUC), (agda.baeta@gmail.com)

Abstract

Women as economically independent and men as necessarily providing. These are the gender roles claimed by Miriane Ferreira, a Brazilian lawyer who – when answering questions about Family Law – has caused controversy among followers of her Instagram profile. Her narrative is also composed of a third character, the ‘princess man’, constituted in binary opposition to the provider man (often called ‘prince’ by Miriane). The reference to fairy tales seems to be a strategy to rescue master narratives to facilitate the reception of the message by the audience. The entanglement of contradictory concepts, such as female empowerment and the patriarchal view of male, indicates a discourse marked by post-feminism. Given these hypotheses, through Pragmatic Narrative Analysis, this study investigated the metanarrative behind the gender representations presented on the @dra.mirianeferreira Instagram profile and how it dialogues with the contemporary social context. The results, obtained through the analysis of 75 reels published by the lawyer, confirmed post-feminism as a metanarrative and revealed the pejorative use of the term ‘princess man’ as result of changing in the female stereotype in recent decades.

Keywords: Post-feminism, Gender stereotypes, Instagram, Fairy tales, Micronarratives.

Resumo

Mulheres financeiramente independentes e homens necessariamente provedores. Esses são os papéis de gênero defendidos por Miriane Ferreira, uma advogada brasileira que – ao responder dúvidas sobre Direito de Família – tem causado polêmicas entre os seguidores do seu perfil no Instagram. Sua narrativa é ainda composta por um terceiro personagem, o ‘princeso’, constituído em oposição binária ao provedor que, por sua vez, muitas vezes, é nomeado ‘príncipe’. A referência aos contos de fadas parece ser uma estratégia de resgate de narrativas mestras para facilitar a recepção da mensagem pela audiência. Já a justaposição de conceitos contraditórios, como o empoderamento feminino e a visão patriarcal do masculino, indica um discurso marcado pelo pós-feminismo. Diante dessas hipóteses, através da Análise Pragmática da Narrativa, este estudo investiga a metanarrativa por trás das representações de gênero apresentadas no perfil @dra.mirianeferreira e como ela dialoga com o contexto social contemporâneo. Os resultados, obtidos com a análise de 75 vídeos publicados pela advogada, confirmam o pós-feminismo como metanarrativa e revelam o uso pejorativo do termo ‘princeso’ como decorrente da mudança do estereótipo feminino nas últimas décadas.

Palavras-chave: Pós-feminismo, Estereótipos de gênero, Instagram, Contos de fadas, Micronarrativas.

Introdução

Há muito se discute que as práticas sociais são resultado das interações entre os membros de uma sociedade (Berger & Luckmann, 2004). Interações essas que ocorrem por meio das narrativas e se materializam na linguagem ou vice-versa (Ryan, 2014). Em um mundo extremamente midiaticizado como o que vivemos, as narrativas que compõem os produtos culturais – sejam eles informativos ou de entretenimento – desempenham um papel primordial na definição dos papéis de gênero (Gallagher, 2013; Mendes & Carter, 2008) e os contos de fadas suscitam muito interesse de estudo a esse respeito (Bettelheim, 2002; Parsons, 2004). Originários das narrativas orais, os contos de fadas têm atravessado gerações e muitas vezes são apontados como responsáveis pela normalização das mulheres em uma posição de submissão em relação aos homens, a quem atribuem o papel de herói, salvador, capaz de proporcionar a felicidade eterna à mulher através do casamento (Gaelzer et al., 2020). No entanto, adaptações mais recentes dessas narrativas – em especial as animações audiovisuais da Disney (Andrade & Cunha, 2020) mostram que as representações de gênero de princesas e príncipes têm sido alteradas, refletindo as mudanças ocorridas no contexto social nas últimas décadas (Both & Chaves, 2018).

Com o auge da globalização, a massificação da internet e a proliferação dos meios digitais, nos deparamos com a estética narrativa das micronarrativas, marcada pela hiperbrevidade, fragmentalidade, intertextualidade, metanarratividade e autorreferencialidade (Núñez, 2020). As micronarrativas têm despontado em resposta a um novo perfil de audiência, principalmente nas redes sociais. Devido ao estilo de vida veloz e fracionado, o leitor da pós-modernidade tem no tempo o seu bem mais precioso e escasso e, por isso, exige uma comunicação rápida e instantânea, o que se comprova com a grande repercussão das micronarrativas audiovisuais que deram tanto destaque à rede social TikTok no período pandêmico (Simões *et al.*, 2023). A grande aceitação do modelo perante ao público fez com que plataformas como o Instagram – que inicialmente centravam-se em imagens estáticas (fotos) – passassem a privilegiar o formato audiovisual, alterando seus algoritmos para evidenciar as postagens que atendessem a esses requisitos (G1-Globo, 2021).

O Instagram, assim como outras redes sociais, tem cada vez mais ocupado um espaço central na vida dos indivíduos. Autores como Bauman (2008), Castells (2009) e Marwick (2013) têm argumentado como que as plataformas digitais não apenas refletem as práticas sociais, mas ativamente as moldam, interferindo na construção da identidade, das relações interpessoais e nos padrões de consumo e comportamento. Como declara Marwick (2013), “as redes sociais incentivam os usuários a se promoverem, construir audiências e cultivarem visibilidade, o que afeta profundamente suas práticas cotidianas e as concepções de si.” (p. 5). Dessa forma, o Instagram, com sua grande penetração entre o público brasileiro – que contabilizava, no início de 2025, 141 milhões de utilizadores, o que representa 66,5% da população e 97,9% dos utilizadores de redes sociais no País (Datareportal, 2025) – tem um importante papel na circulação de estereótipos de gênero e na constituição da subjetividade de sua audiência, já que funciona como um dispositivo de performatividade constante, onde se constroem identidades públicas e se negociam formas de pertencimento e reconhecimento social.

Nesse contexto, o perfil @dra.mirianeferreira ganhou visibilidade – alcançando 1,3 milhões seguidores em pouco mais de um ano e um espaço na televisão (Dias, 2022) – com conteúdos que simplificam as leis do

direito de família para as mulheres que muitas vezes são enganadas por seus companheiros em processos de divórcio e pensão alimentícia. Ao esclarecer questões sobre Direito de Família, Miriane Ferreira não hesita em disseminar a sua própria definição dos papéis de gênero, afirmando as mulheres como independentes financeiramente e os homens como necessariamente provedores e referidos, por ela, como **príncipes** (Almeida, 2022). No entanto, a narrativa de gênero da advogada é composta por um terceiro personagem. Identificado como **princeso**, ele é constituído em oposição binária ao príncipe e materializa o que um homem não deve ser, reforçando ainda mais a visão patriarcal do masculino como provedor, responsável pelo sustento da família. Uma posição que tem historicamente sido forjada para estabelecer uma hierarquia na qual o poderio econômico coloca os homens em posição de superioridade em relação às mulheres, que por estarem restritas aos trabalhos domésticos e dependentes financeiramente dos maridos, acabam por ocupar uma posição de submissão (Oliveira, 2020).

O entrelaçamento de conceitos contraditórios percebido no discurso da advogada – como o ideal feminista de independência e a visão patriarcal do homem – indica uma metanarrativa pós-feminista que, marcada pelo individualismo neoliberal, enaltece a emancipação das mulheres ao mesmo tempo que atua para manter as hierarquias de gênero convencionais (Gill, 2007; McRobbie, 2009). Simultaneamente, o uso referencial de figuras arquetípicas dos contos de fadas parece ser uma estratégia de resgate de narrativas mestras para facilitar a recepção da mensagem pela audiência (Halverson *et al.*, 2011).

Diante dessas hipóteses, este artigo se propõe, através da Análise Pragmática da Narrativa (Motta, 2013), a investigar a metanarrativa que embasa as representações de gênero apresentadas no perfil @dra.mirianeferreira e como ela se enquadra no contexto social contemporâneo. Tendo como pergunta de partida: qual a metanarrativa por trás da narrativa de gênero no perfil @dra.mirianeferreira?, os objetivos de pesquisa desta investigação são identificar as regularidades discursivas na narrativa de Miriane Ferreira, confirmando ou não a presença do discurso pós-feminista em seus vídeos e sua relação com as representações de gênero dos contos de fada. Para isso, dentre as postagens realizadas desde a criação da conta, em setembro de 2021, foram selecionadas aquelas nas quais a advogada aborda os papéis de gênero, especificando quais as práticas sociais esperadas de mulheres e homens. O *corpus* coletado foi analisado a partir da teorização de Rosalind Gill (2007) sobre sensibilidade pós-feminista e de estudos sobre a evolução das representações das princesas nas animações Disney ao longo do tempo (Breder, 2015; Lopes, 2015; Melo Jr., 2022).

O pós-feminismo como formação discursiva

O pós-feminismo é uma formação discursiva que permeia a maioria dos produtos culturais contemporâneos e tem delineado a maneira como as pessoas se relacionam e pensam o feminismo e a transformação do papel das mulheres na sociedade (Lewis *et al.*, 2017). Constituindo uma estratégia neoliberal de moldagem da subjetividade (Gill & Scharff, 2011), ele coopta o vocabulário e os ideais feministas, revestindo-os de valores como o individualismo e a meritocracia, para obscurecer as desigualdades estruturais e limitar a transformação social (Dean, 2010). Pode, portanto, ser entendido como um “feminismo” reconfigurado (Gill & Orgad, 2016) ou desarticulado (McRobbie, 2009) que, por meio das narrativas midiáticas, conecta as mulheres com “um modo altamente conservador de ‘empoderamento’ feminino” (McRobbie, 2009, p. 27).

Na prática, exalta o empoderamento das mulheres ao mesmo tempo que reafirma valores tradicionais para manter a hierarquia de gênero inalterada. Resulta, então, em um “feminismo” sombrio (Fraser, 2009), que mais enfraquece a causa do que contribui para ela. Por considerar e repudiar o feminismo, compõe uma narrativa dúbia – marcada pelo entrelaçamento de conceitos contraditórios (McRobbie, 2009) – e foi teorizado por Rosalind Gill (2007) “como uma sensibilidade composta por vários temas interrelacionados (...) que caracteriza um número cada vez maior de filmes, programas televisivos, anúncios publicitários e outros produtos de mídia” (pp. 147-148).

Os temas interrelacionados aos quais se refere Gill (2007) são as regularidades de conceitos e enunciados que, segundo Foucault (2008), caracterizam as formações discursivas. A autora, com o objetivo de imprimir rigor na análise do fenômeno nos produtos culturais, enumerou tais regularidades que resumidamente podem ser identificadas como:

- a feminilidade atrelada à beleza e ao corpo sexy como fonte de poder para as mulheres;
- a ênfase no autodesenvolvimento e na transformação, que estabelecem o “eu” como um projeto que deve ser constantemente monitorado e aperfeiçoado para a obtenção do sucesso em qualquer área da vida;
- o foco no individualismo, na escolha e no empoderamento, responsáveis por popularizar os valores feministas sem a sua essência coletiva e política, manipulando-os em prol dos interesses neoliberais;
- a ênfase no consumismo, já que, por estar a serviço dos interesses neoliberais, afirma que as aflições das minorias são resolvidas com o consumo de algum produto ou serviço;
- a substituição da objetificação das mulheres pela subjetificação, na qual, supostamente, a objetificação ocorre por “escolha” das próprias mulheres que conquistaram a liberdade sexual e “optam” por se representarem desta maneira;
- a hipersexualização da cultura, com a proliferação do discurso sobre sexo e sexualidade nos meios de comunicação;
- o ressurgimento das ideias de diferença sexual natural, que obscurecem as desigualdades de gênero, ao afirmá-las como oriundas de fatores biológicos ou psicológicos;
- e a mercantilização da diferença, que constitui “um modo efetivo de criar e atingir uma comunidade particular de consumidores” (Banet-Weiser, 2007, p. 221) através da celebração do ‘Outro’.

A evolução do estereótipo feminino e o seu reflexo nos contos de fadas

O surgimento do pós-feminismo relaciona-se com as liberdades obtidas pelos movimentos feministas de 1960 a 1980, como a sexual e a econômica (McRobbie, 2009). A intensificação das mulheres no mercado de trabalho fez com que elas passassem a ser percebidas como sujeito, donas de uma individualidade não condicionada ao estereótipo tradicional de esposa e mãe. A consequente independência financeira advinda de tal mudança despertou o interesse do capitalismo que, rapidamente, passou a constituí-las como consumidoras (Tasker & Negra, 2007). Com isso, todo um mercado em torno do empoderamento feminino foi criado, dando origem ao fenômeno *girl power*, responsável por popularizar o “feminismo” (Banet-Weiser, 2018) ao estampá-lo em mercadorias e circulá-lo por meio de narrativas propagadas por inúmeros produtos culturais (Gill, 2007). Do *tradicional* esposa/mãe/dona de casa a *sujeito* e, rapidamente, à *empoderada*.

Essa é a trajetória do estereótipo feminino de meados do século XX à atualidade e que pode ser percebida também nas narrativas de contos de fadas da franquia Disney Princesa.

Em estudo realizado por Breder (2015), a autora identifica três fases na caracterização das personagens princesas que podem ser correlacionadas com as transições citadas por Tasker e Negra (2007): *clássicas* (mulher tradicional), *rebeldes* (mulher sujeito) e *contemporâneas* (mulher empoderada).

Desse modo, as produções anteriores à década de 1960, como “Branca de Neve e os Sete Anões”, “Cinderela” e “A Bela Adormecida”, têm suas protagonistas constituídas a partir dos tradicionais estereótipos femininos: frágeis, submissas e à espera de serem salvas e felizes para sempre pelo casamento. Coincidentemente ou não, após o baixo sucesso comercial de “A Bela Adormecida” (Melo Jr., 2022), em 1959, e durante as três décadas seguintes, marcadas pelos movimentos feministas, nenhuma animação de contos de fadas foi lançada pela Disney. O retorno das produções do gênero só ocorreu em 1989, com “A Pequena Sereia”, narrativa na qual a protagonista já apresentava uma maior individualidade em relação às princesas anteriores, tendo seus próprios sonhos, vontades e desejos. Até 1998, foram lançadas uma série de animações com princesas que gradativamente se mostraram cada vez mais independentes (Bela, Jasmine, Pocahontas), a ponto de se transformarem em verdadeiras guerreiras (Mulan). Como analisa Melo Jr. (2022), as protagonistas dos contos de fadas da Disney, ao longo da década de 1990, passaram de ‘princesas em perigo’ – que precisam ser salvas, normalmente pelo príncipe – a ‘princesas guerreiras’, que têm o empoderamento neoliberal como orientador.

Segundo Randazzo (1996), não é apenas no mundo narrativo dos contos de fadas que se passou a recorrer ao arquétipo do guerreiro para constituir as figuras femininas. Também as narrativas publicitárias o têm invocado nas representações femininas para normatizar as mulheres como fortes, corajosas e capazes de lidarem com as múltiplas jornadas e responsabilidades impostas pelo pós-feminismo (Lewis & Simpson, 2017). Uma forma velada, e estrategicamente aplicada, de perpetuar sua posição de submissão através da “elevação” do seu *status* na sociedade (Gill, 2007). Guerreira passa a ser, então, a evolução da princesa clássica e o sinônimo de mulher empoderada. Ela é forte, sabe o que quer, não depende de um príncipe para salvá-la. Muitas vezes, inclusive, é ela que o salva (Melo Jr., 2022). Perfil que se propaga na terceira fase das princesas Disney categorizada por Breder (2015): as contemporâneas, que surgem nas narrativas das animações produzidas a partir de 2009, protagonizadas pelas princesas Tiana, de “A Princesa e o Sapo”; Rapunzel, de “Enrolados”; Merida, de “Valente”; Moana, de “Moana, Um Mar de Aventuras” e Raya, de “Raya e o Último Dragão”.

Como pontua Lopes (2015), nas narrativas das princesas contemporâneas, a individualidade conquistada pelo feminismo – já presente nas rebeldes – é equilibrada com o resgate de valores tradicionais, articulação essa que, como vimos, constitui a estratégia pós-feminista para limitar a transformação social. Mesmo em “Valente” – cuja protagonista Merida já foi apontada como uma vitória em termos de representação feminina nos contos de fadas (Andrade & Cunha, 2020) – esse equilíbrio é o desfecho do conflito da narrativa que se desenvolve em torno da sua relação com a mãe e os valores tradicionais que essa representa. Além disso, nas animações produzidas a partir de 2009, percebemos os enredos ainda mais marcados por valores neoliberais (Breder, 2015) – como o empreendedorismo e a meritocracia fortemente presentes na constituição da princesa Tiana, a autoconfiança no desenrolar do personagem Rapunzel e o autoconhecimento e autodesenvolvimento no amadurecimento da líder Moana (Breder, 2015; Melo Jr., 2022) – relacionados com as regularidades discursivas elencadas por Gill (2007).

Miriane Ferreira, os estereótipos de gênero e os contos de fadas

Miriane Ferreira é uma advogada brasileira que em setembro de 2021 iniciou no Instagram com um perfil que se propunha a responder dúvidas sobre Direito de Família. Tendo o público feminino como alvo, o interesse pela área veio quando Miriane trabalhou no núcleo de práticas jurídicas da faculdade em que estudava atendendo mulheres que, por falta de conhecimento e orientação, acabavam sendo patrimonialmente lesadas por seus maridos no momento do divórcio (Almeida, 2022). Com conteúdos que dosam situações polêmicas – como a do marido que colocou o imóvel no nome da irmã para não dividir com a esposa e, após o divórcio, sua irmã não o devolveu, alegando que era dela ou a da seguidora que teve um filho com o sogro e queria garantir a herança da criança sem precisar contar a verdade para o marido – e respostas afiadas, a repercussão do perfil @dra.mirianeferreira tem sido tanta que levou a advogada a ser convidada a protagonizar um quadro no programa televisivo *Faustão* na Band, de transmissão nacional pela Rede Bandeirantes de Televisão (Alves, 2022).

Além dos esclarecimentos legais, os conteúdos da advogada e *influencer* no Instagram são pautados pela sua opinião pessoal em relação aos papéis de mulheres e homens na sociedade. Miriane defende em seus conteúdos que as mulheres contemporâneas devem ser economicamente independentes para não ficarem presas a casamentos abusivos. Também declara que os homens precisam exercer a função de provedor para serem bons maridos. Segundo a advogada, quando os homens não exercem esse papel, eles se sentem frustrados e diminuídos e acabam por maltratar as suas esposas, como se elas fossem culpadas por eles não estarem exercendo um papel que é intrínseco ao gênero masculino. Percebemos, então, que o discurso da advogada é marcado pelo entrelaçamento de conceitos contraditórios (McRobbie, 2009), já que enaltece as conquistas obtidas pelos movimentos feministas ao afirmar que as mulheres devem ser financeiramente independentes, ao mesmo tempo que defende hierarquias de gênero convencionais – na qual os homens são os “chefes” da família, responsáveis pelo seu sustento e pelas decisões que a norteiam – o que indica que sua narrativa é embasada por um discurso pós-feminista.

As referências aos contos de fadas são outra característica relevante na narrativa de gênero de Miriane Ferreira. Ao recorrentemente enfatizar a importância da busca do conhecimento legal, do investimento em uma carreira e da afirmação da autoestima para que as mulheres obtenham sua independência emocional e financeira, a advogada desvencilha o estereótipo feminino da figura da princesa tradicional, que é frágil e precisa ser salva por um príncipe. No entanto, para justificar seu posicionamento em relação ao “fato” de a proveniência ser uma característica inerente ao masculino, ela acrescenta a sua narrativa de gênero um terceiro personagem: o prínceso. **Prínceso** é o termo utilizado por ela – e muito repetido por suas seguidoras – para definir os homens que não exercem o papel de provedor. Rotulado como acomodado e sem ambição, reúne os predicados que um homem não deve ter. Já o título de **príncipe** é reservado para o provedor, que concentra o esteriótipo ideal de homem, segundo a argumentação da advogada.

Metodologia

A análise pragmática da narrativa, proposta por Luis Gonzaga Motta (2013) em seu livro *Análise Crítica da Narrativa*, foi a metodologia orientadora desta investigação. A escolha se mostrou adequada por possibilitar

relacionar o objeto de estudo com o seu contexto de produção e recepção, atendendo, assim, ao objetivo de pesquisa. A análise foi realizada a partir dos reels publicados pela advogada em seu perfil no Instagram, de setembro de 2021 a abril de 2023. Para isso, das 1276 postagens publicadas pela advogada nesse período, foram selecionados os conteúdos nos quais os papéis de gênero foram abordados, o que totalizou 75 vídeos, que em média, possuem cerca de 47.000 curtidas, apresentando 80.746 curtidas o reel com maior engajamento e 22.045 curtidas, o reel com menor engajamento da amostra. Métricas essas que demonstram a elevada penetração da mensagem emitida por Miriane Ferreira na audiência do Instagram e sua influência na formação das subjetividades desse público. Por se tratar de uma análise qualitativa, a seleção do *corpus* foi feita manualmente pela analista que, para garantir a estabilidade da amostra, utilizou a extensão Download Instagram, do Google, para recolha.

A partir desse *corpus*, foram avaliadas as três instâncias propostas por Motta (2013): o plano da expressão (linguagem), o plano da história (enredo) e o plano da metanarrativa (tema de fundo), através dos movimentos de análise sugeridos pelo autor em seu livro. Como defende Motta (2013), o procedimento proposto por ele “parece um roteiro de análise, mas não é. Cada análise da comunicação narrativa segue um caminho próprio e individual” (p. 133), de forma que a operacionalização da análise pragmática dificilmente poderá ser replicada. Apesar de nesta investigação a metodologia ser utilizada para evidenciar o pós-feminismo, discurso hegemônico de maior visibilidade na contemporaneidade (Banet-Weiser, 2018), e como ele também se manifesta ambiente digital, é importante salientar que outros trabalhos têm utilizado a metodologia para apontar a oportunidade que redes sociais online como o Instagram têm dado a vozes oprimidas nos meios de comunicação tradicionais, como é o caso do trabalho realizado por Azevedo *et al.* (2017) que analisa o @girlpowerbelem, perfil constituído por “um grupo de mulheres que se encontram para uma conversa sobre feminismo em um espaço em que elas são percebidas e escutadas por muitos” (p. 79).

Na investigação aqui apresentada, por ser a metanarrativa o objeto de análise, os planos da expressão e da história serviram de percurso para investigação das hipóteses. Como parte da aplicação desta metodologia, que requer a utilização de diferentes referenciais teóricos na realização da análise pragmática da narrativa, utilizamos a conceitualização de micronarrativas de David Núñez (2020) para o estudo do plano da expressão, os ciclos dramáticos de Claude Bremond (1971) para o plano da história e as regularidades pós-feministas de Rosalind Gill (2007) para o plano da metanarrativa. Embora a metodologia implique que as análises dos três planos sejam realizadas em simultâneo e estejam interligadas, as seções a seguir estão estruturadas de acordo com cada um dos planos de análise para elucidar os resultados de pesquisa.

Discussão de resultados

A micronarrativa como plano de expressão

Como defende Motta (2013), “narrar é uma experiência enraizada na existência humana” (p. 17) e a narrativa é um “processo universal de constituição da realidade (ficcional ou fática)” (p. 10). Seria a vida, então, uma grande narrativa ou um emaranhado de pequenas narrativas? O espaço e o tempo são duas categorias de análise da narratologia. Não coincidentemente, são elas também responsáveis pela organização das sociedades. Segundo Martín-Barbero (2003), as grandes mudanças na ordem social

ocorrem quando há alterações na forma como nos inserimos e percebemos esses dois elementos. A modernidade entrou em declínio com a revolução da informação – advinda da Internet e da globalização – que atribuiu virtualidade ao espaço e velocidade ao tempo. Passamos, então, a transitar para a pós-modernidade e sua estética fluída e fragmentada “tem se expandido a quase toda manifestação social e cultural” (Núñez, 2020, p. 15).

No plano da expressão, a narrativa do perfil @dra.mirianeferreira acompanha a estética pós-moderna dos microrrelatos que tem sido empregada na maioria das redes sociais (Núñez, 2020). A comunicação narrativa no Instagram, que desde 2021 tem privilegiado a visibilidade de vídeos curtos (G1-Globo, 2021), como mencionado anteriormente, é marcada pela hiperbrevidade. A duração média das postagens analisadas de Miriane Ferreira é de 28 segundos, sendo que alguns vídeos não duram mais do que sete segundos. Exceções ocorrem quando são publicados conteúdos derivados de *lives*, com interação síncrona com o público, ou patrocinados (merchandising).

A fragmentariedade é uma outra característica da estética narrativa pós-moderna percebida na narrativa aqui analisada. Por serem os conteúdos hiperbreves, a construção do universo narrativo de @dra.mirianeferreira se dá a partir de relatos menores apresentados a cada postagem – selecionados de perguntas enviadas por seguidoras e seguidores – e, portanto, não há uma sequência linear em sua composição. Dessa forma, a identificação do princípio, meio e final da história requer um esforço maior, já que sua interpretação surge “a partir do acúmulo de dados dispersos, alternados e descontínuos” (Núñez, 2020, p. 18).

Este formato de cápsulas narrativas potencializa tanto a autorreferencialidade quanto o metarrelato, outras duas características da estética narrativa pós-moderna descrita por Núñez (2020). Por interpretar, selecionar, apresentar e responder as questões colocadas pelos seguidores, Miriane atua como autora, narradora e personagem principal na constituição do seu universo narrativo, “dando lugar a uma intimidade que não somente expõe ações cotidianas, mas também os mecanismos formais através dos quais se narram tais ações” (Núñez, 2020, p. 20).

Assim, ao responder as questões colocadas por seguidores e seguidoras, Miriane expõe suas convicções e incorpora, ela própria, o estereótipo de mulher que defende (autorreferencialidade), como pode ser notado nos *reels*:

Seguidora: Namorado quer que eu o banque até terminar o doutorado. Acha certo?

Miriane: Olha, euzinha aqui não bancaria. Mas se você quer fazer essa boa ação, no mínimo pegue umas notas promissórias no valor do investimento. E uma coisa importante: peça para ele assinar no verso também. Depois eu te conto o porquê (<https://www.instagram.com/p/CodS2RZDwwb/>).

Seguidora: Muito fácil empoderar as mulheres quando se é rica e bem-sucedida. A realidade é outra.

Miriane: Olha, para você estar falando isso, muito provavelmente, você não conhece nadinha da minha vida. E pensando em inspirar mulheres que, assim como você, possuem crenças limitantes em relação a sua capacidade de crescer na vida, é que eu estou criando um insta chamado o Diário de Miriane. Lá eu quero compartilhar a minha história e mostrar que um passado difícil não nos define. O que mais importa é o que fazemos dali para frente. Também vai ter minha experiência no dia a dia como mãe, mulher recém separada. E vocês vão ver que assim como vocês, a luta é diária. E tudo isso vai ser com muito bom humor e mostrando a vida como ela é. Sem filtro (<https://www.instagram.com/p/CmmvRZcIGL/>).

Ao mesmo passo, Miriane também mantém “uma postura distanciada em relação aos feitos narrados” (Núñez, p. 20) ao abordá-los na figura da advogada que se baseia na lei para responder as questões recebidas dos seguidores (metarrelato), o que pode ser identificado nos *reels*:

Seguidor: Não tem treinamento para homem poderoso?

Miriane: Olha, o direito é o mesmo. Lá no curso, o que eu falo vale tanto para o homem, quanto para a mulher. Mas lá eu falo bastante sobre a expectativa da mulher em relação ao seu parceiro. Então, se você quer ser um príncipe e não um prínceso, eu superrecomendo. Para adquirir, é só clicar no link que está na minha bio (<https://www.instagram.com/p/Cl80SFcjdB/>).

Seguidor: A doutora só defende mulher?

Miriane: Gente, minha luta não é contra o gênero, ela é contra a injustiça. E, infelizmente, 99% dos casos que chegam até mim são de mulheres que estão sendo injustiçadas. Então, eu não teria nenhum problema em defender os interesses de um homem de maneira justa, desde que eu acreditasse na causa. Agora, o que eu não defendo mesmo é 'prínceso' (<https://www.instagram.com/p/Cmuxoz1od5L/>).

Como última característica da estética narrativa pós-moderna da micronarrativa descrita por Núñez (2020), temos a intertextualidade, que na narrativa de gênero de @dra.mirianeferreira emerge não apenas da referência a arquétipos preconizados pelos contos de fadas – o que torna o discurso inteligível aos receptores por estar atrelado a narrativas já enraizadas no imaginário social (Halverson *et al.*, 2011) – mas também da hibridização de campos discursivos, como o legal, o feminista e o neoliberal, que serão percebidos nos exemplos apresentados ao longo deste artigo.

Os ciclos dramáticos de Bremond no plano da história

No plano da história, a leitura sistemática das postagens que compõem a amostra nos permitiu identificar o princípio, o meio e o fim da narrativa de gênero de @dra.mirianeferreira através da teoria dos possíveis narrativos de Bremond (1971). A reconstituição de tal narrativa, ao longo dos vídeos analisados, revela o encadeamento de duas ações sucessivas dentro do ciclo dramático de degradação-reparação-melhoramento (Bremond, 1971). Na primeira sequência temos a mulher – atrelada ao estereótipo de esposa e mãe – que devido a uma normalização social, acaba abdicando ou investindo menos na carreira para cuidar da casa e dos filhos e, na hora do divórcio, é ludibriada pelo ex-companheiro que não reconhece a contribuição dela na construção do patrimônio adquirido “por ele” durante o tempo de união.

Como ponto de virada, nessa primeira sequência, temos a mulher tomando as rédeas da sua vida, conhecendo seus direitos, investindo na sua independência financeira e não aceitando mais essa condição de submissão. O processo de degradação, então, é materializado pelo abuso dos homens em relação a suas esposas. A reparação se dá através do conhecimento adquirido pelas mulheres e o melhoramento, com as mulheres se tornando independentes e autônomas, como podemos perceber na série de *reels* a seguir:

Seguidor: Dra., vejo que várias mulheres realmente querem ganhar com o relacionamento. A senhora concorda?

Miriane: Olha, a grande realidade que eu vejo aqui é a do homem querendo tirar vantagem em cima da sua companheira, fazendo ela passar, lavar, cozinhar, ajudar nas despesas da casa. E ele comprando bens em

nome de terceiros para ela pensar que não terá direito em caso de separação. Então, definitivamente, eu não concordo (<https://www.instagram.com/p/CjEEjMAWcb/>).

Seguidora: Namorado rico disse que só casa pela separação total de bens, mas disse que não vai me deixar faltar nada. É golpe?

Miriane: Olha, minha amiga, golpe não é porque é bem comum as pessoas que têm mais dinheiro se casarem pela separação de bens. Apesar de achar este regime um pouco injusto para a mulher, caso você decida se casar mesmo, eu vou te dar um conselho. Se profissionalize, tenha a sua independência financeira porque é muito comum, nesses casos, a mulher deixar de trabalhar porque o que ela ganha é tão irrisório perto do que o marido pode proporcionar e aí, aliado ao fato de não ter aquele nosso grande motivador de cada dia que é o boleto para pagar, existe uma grande chance de você se tornar completamente dependente financeiramente dele. E aí, em caso de separação, vai ser aquela humilhação que a gente já sabe por aqui que é muito comum. Então, nessa relação, você se coloque em primeiro lugar. Adquira sua independência financeira e não deixe de trabalhar. Mas antes disso, você vai lá na minha bio e adquira o meu treinamento Legalmente Poderosa antes de decidir (https://www.instagram.com/p/Cl6_fl1jmGF/).

Seguidora: Casada, separação total de bens. Médico. Diz que quer ter muitos filhos e que isso é prova de amor maior do que regime de bens.

Miriane: Não, minha amiga, isso aí é prova que você vai ter que ter uma boa babá para cuidar desse monte de filho. Porque se você cair na conversinha de ficar cuidando de casa e de filho, enquanto ele constrói o patrimônio dele SOZINHO. Em caso de divórcio, você já sabe a humilhação que vai ser. Então, corre lá para o Legalmente Poderosa, antes de fazer besteira na sua vida (<https://www.instagram.com/p/CnSfoyoFeH/>).

Seguidora: Não temos patrimônio e ganhamos quase ao mesmo. Ele só casa na separação de bens. Aceito?

Miriane: Bom aí depende. Se vocês não forem ter filhos e ficar muito bem acordado que você não vai lavar, passar, nem cozinhar para ele e que todos os afazeres da casa vão ser divididos por igual, ok. Agora, se caso contrário, vocês forem mais um casal tradicional brasileiro, onde os dois trabalham, mas é a mulher que chega em casa e tem que fazer tudo, cuidar da casa, dos filhos, e ainda trabalhar fora, aí não. Sabe por quê? Porque enquanto ele vai ter todo tempo livre para trabalhar, viajar e se aperfeiçoar, você estará limitada aos horários da casa e aos filhos. E aí no futuro, em caso de divórcio, porque a gente tem que pensar nisso, pois os casais se divorciam, ele vai ter construído um patrimônio e muito provavelmente você não. Então, o melhor que você tem a fazer, antes de tomar uma decisão, é ir lá na minha bio e adquirir o meu treinamento Legalmente Poderosa, porque lá eu falo bastante sobre o porquê de nos casarmos e a consequência de cada regime de bens. Vai lá que você não vai se arrepender (<https://www.instagram.com/p/CluIaPIDOUj/>).

A partir desse novo estereótipo feminino estabelecido no primeiro ciclo dramático, a narrativa de Miriane inicia uma segunda sequência, na qual as mulheres independentes financeiramente têm que enfrentar um novo problema (uma nova degradação). Se no primeiro ciclo dramático, homens impediam o crescimento profissional de suas mulheres e burlavam a partilha de bens, colocando o patrimônio em nome de terceiros para não dividir com a esposa no momento do divórcio, agora eles se acomodam e deixam que elas assumam a responsabilidade de prover o lar. É aqui que surge o personagem 'princeso'. Definido como acomodado e sem ambição, ele é construído em oposição binária ao que a narradora descreve como estereótipo ideal de homem: o homem provedor, o que pode ser evidenciado nas transcrições dos *reels* a seguir:

Seguidora: Desde o primeiro dia com o boy, a hora que chega a conta ele diz para dividir por dois. Como falar sobre isso?

Miriane: Da forma mais direta possível, minha amiga. Fala para ele que não é sobre dinheiro, mas sim sobre cavalheirismo, cuidado, carinho, admiração. Porque essa atitude dele aí diz tudo sobre como ele vai te tratar em um namoro, um casamento. Então, se ele não concordar, está perdendo o seu tempo (<https://www.instagram.com/p/CoI8MoSDJFJ/>).

Seguidora: Arrumei um namorado princeso que vive nas custas da mãe. Você acha que ele muda se casar comigo?

Miriane: Ele muda, mas a grande mudança aí vai ser que ao invés de viver às custas da mãe, vai viver nas suas custas. Meninas, homem tem que ser trabalhador. Homem que depende de mulher não dá. Fужam (<https://www.instagram.com/p/CrQ8NdOOwHk/>).

Seguidora: Ganho 16 vezes mais que meu marido. Em caso de separação, ele pode pedir pensão?

Miriane: Olha, se ele for dependente financeiramente de você, ou se essa separação causar uma queda muito abrupta no padrão financeiro dele, é possível sim. Por isso, meninas, vocês que ganham mais do que seus maridos, tratem de colocar os mocinhos para trabalhar para eles não virarem princesos. Tá? (<https://www.instagram.com/p/CmoiPTIqIf/>).

Seguidora: Eu e o marido ganhamos bem, não quero ficar pedindo as coisas da casa e eu compro. Vai virar princeso?

Miriane: Vai virar princeso, minha amiga. Daqui a pouco você está comprando tudo e ele com o dinheiro dele lá para fazer o que ele bem quiser. Não pode. Por mais que você não queira pedir, você pode fazer o seguinte, você vai, compra, coloca a notinha ali, mostra para ele e fala, isso aqui não é dever da mulher. Prover a casa é um dever do homem. E sabe o que eu sugiro? Que você compre o Legalmente Poderosa e assista com ele, porque lá eu falo bem dessa situação dos papéis de cada um. Para adquirir é só clicar no link que está lá na minha bio (<https://www.instagram.com/p/CnQDpbKkTHC/>).

Seguidora: Marido esconde quanto ganha. Passei cinco anos bancando ele. Está certo isso?

Miriane: Certo não está, mas quando eu digo para vocês não ficarem criando princeso, vocês não me ouvem. Dá nisso (<https://www.instagram.com/p/CmFp6SnjmNi/>).

Seguidora: Se o princeso não quis estudar e ganha bem menos. Qual o melhor regime para casamento?

Miriane: O melhor aí é não casar, minha amiga. Escolhe alguém que tem os mesmos objetivos que você. Isso aí não vai dar certo. Vai por mim (<https://www.instagram.com/p/CnIP7d3ophU/>).

Seguidora: Marido pede dinheiro emprestado e diz que vai pagar todos os dias. Isso já tem mais de dois meses. Cobro todo dia e nada.

Miriane: Tá criando princeso, minha amiga. Vê se pega pelo menos uma notinha promissória dele para não sair tão no prejuízo no futuro. Né? (<https://www.instagram.com/p/Chho8faAW49/>).

A reparação apresentada pela narradora nesta segunda sequência é a aceitação de que mulheres e homens têm os seus devidos papéis na sociedade e que os homens necessitam de ser provedores, caso contrário, não estarão exercendo sua função, o que os levará a não serem bons parceiros. Nas palavras de Miriane:

Seguidor: Ridículo esse seu papinho de homem provedor. Quem tem provedor é internet.

Miriane: Olha, essa é a minha opinião, mas eu respeito todas as outras. Mas é que para mim, a responsabilidade de prover a casa num casamento não deve ficar sobre a mulher. Essa responsabilidade tem que ser do homem. Por mais que a mulher ganhe mais do que seu marido, por mais que o dinheiro seja dos dois dentro de casa, a responsabilidade da provisão deve vir do homem. E isso tem mais a ver com responsabilidade do que com dinheiro propriamente dito, porque quando existe esta inversão de papéis, sabe o que eu vejo? Mesmo que subconscientemente, o homem se sente humilhado por não estar cumprindo um papel que é dele e acaba maltratando a sua esposa. Acabando com a autoestima dela, como se a culpa fosse dela. Quando na verdade, não é. Então, mesmo a pergunta tendo vindo de um homem, se você quiser ir lá na minha bio e adquirir o meu treinamento Legalmente Poderosa, lá eu falo bastante sobre estes papéis e, também, sobre a expectativa da mulher em relação ao seu companheiro (https://www.instagram.com/reel/CmVC_JaDuppl/).

Com o encadeamento desses dois ciclos dramáticos, percebemos que a narrativa de Miriane desestabiliza o estereótipo feminino tradicional – refletindo a evolução das mulheres na sociedade após os movimentos feministas de 1960 a 1980 – para, em seguida, resgatar o tradicional estereótipo masculino de provedor, reafirmando a convencional hierarquia patriarcal de gênero.

A diegese do princeso

A análise do plano da história nos permitiu perceber que, assim como nos contos de fadas, a narrativa de @dra.mirianeferreira é composta tanto pela evolução do papel das mulheres, quanto pela articulação pós-feminista para manutenção das hierarquias de gênero tradicionais. Nesse contexto, é caracterizado o 'princeso'. Criado em oposição binária ao homem provedor, também nomeado 'príncipe' por Miriane, o personagem materializa as características negativas de um homem e tem a função de manter a imagem do príncipe imaculada. O arquétipo do príncipe, evocado pela advogada, remete à ideia de perfeição incutida pela reprodução dos mundos narrativos dos contos de fadas através dos séculos (Bettelheim, 2002). Já a utilização da denominação 'princeso', para representar o oposto de tal perfeição, advém do significado negativo atribuído às princesas tradicionais com a popularização do empoderamento feminino.

Como vimos na revisão de literatura, sob influência do pós-feminismo, as princesas das animações Disney passaram de 'em perigo' a 'guerreiras' (Melo Jr., 2022) e, nesse contexto, a princesa clássica foi desvalorizada em detrimento da contemporânea (empoderada e guerreira). Movimento que foi percebido não só nas animações analisadas por Melo Jr. (2022), mas também na comercialização de produtos da franquia. Um exemplo que podemos citar, nesse sentido, é o da marca brasileira de chinelos Havaianas que lançou, em 2016, uma coleção na qual imbuíu as clássicas Cinderela e Branca de Neve do "espírito" *girl power* ao associar suas imagens, respectivamente, às frases: *a pair of shoes can change your live* (um par de sapatos pode mudar a sua vida) e *your once upon a time is now* (o seu era uma vez é agora). Expressões que transportam também as princesas clássicas para o mundo narrativo do empoderamento feminino neoliberal, marcado pelo consumismo e pelo 'fazer acontecer' (Gill & Orgad, 2016).

O pós-feminismo no plano da metanarrativa

Assim como identificado nas animações da Disney, vimos que @dra.mirianeferreira busca equilibrar o novo papel da mulher na sociedade com práticas sociais convencionais, influenciada pelo pós-feminismo (Gill,

2007). A própria análise dos ciclos dramáticos que compõem a narrativa de gênero de Miriane já nos indica o discurso pós-feminista que o sustenta, marcado pelo entrelaçamento de conceitos contraditórios (McRobbie, 2009) que motivou esta investigação. As regularidades enumeradas por Gill (2007) são percebidas na narrativa da advogada em todos os planos analisados.

A *feminilidade como uma propriedade corporal*, por exemplo, está muito presente no plano da expressão. A maneira muito bem cuidada com a qual Miriane se apresenta – com cabelo, maquiagem e vestuário impecáveis – reverenciam a aparência física e a autoimagem como uma fonte de poder para as mulheres. Além disso, Miriane recorrentemente declara a aparência física como caminho para a autoestima e a autoconfiança, características essenciais para a mulher empoderada do pós-feminismo (Gill & Orgad, 2016), como podemos notar no *reel*:

Seguidor: Meio fútil esse quadro da volta por cima. Você deveria era tentar arrumar um emprego para ela.

Miriane: Olha, vou falar que não é fútil. Quem fala que a beleza não é importante. Que o autocuidado não é importante. Ou está tentando se proteger de alguma coisa ou não sei o quê. O cuidado, a beleza, a gente estar se sentindo bem, tem tudo a ver com a nossa autoestima. Se a gente está com a autoestima boa, a gente não aceita o menos. Eu mesmo, sou daquelas que quando eu ia ter DR [discussão da relação] na minha vida, eu me arrumava para ir bonita e por cima. Então, a mulher que está se sentindo mal, se sentindo feia, ela aceita humilhação, ela aceita ser maltratada. Agora, mulher que está se sentindo bonita, desejada, valorizada, ela se valoriza. Eu acho que tudo começa por aí. E fora todos os *looks*, todas as coisas de estética, nós vamos, sim, tentar uma recolocação profissional para essa mulher, se ela não estiver empregada. Cursos profissionalizantes. Vai ter tratamento com psicólogo, com nutricionista. Enfim, vai ser maravilhoso para ela ver o poder que ela tem e depois ela dar a volta por cima (<https://www.instagram.com/p/CqGW0E8vuMn/>).

A *ênfase no autodesenvolvimento e na transformação* também é uma regularidade marcante na narrativa de Miriane, tanto no aspecto físico como intelectual. Em seus conteúdos, a advogada passa a mensagem de que as mulheres devem fazer o que for preciso para se sentirem bem e alcançarem o sucesso. Procedimentos estéticos, *megahair* e a utilização de filtros na gravação dos *reels* são práticas que ela assume e incentiva entre suas seguidoras, inclusive ao promover *live* com cirurgião plástico. O estímulo à formação acadêmica e profissional como forma de obter independência financeira também é apresentado, reforçando o autodesenvolvimento como a solução para a desigualdade de gênero, recurso discursivo pós-feminista que – como aponta Gill (2007) – afasta do debate as causas estruturais da desigualdade e coloca nas próprias mulheres a culpa e a responsabilidade por resolvê-la (Gill & Orgad, 2016), como vemos na transcrição a seguir:

Seguidora: Tenho 40 anos. Vinte de casada. Sem bens e sem profissão. Como faço para me separar?

Miriane: Olha, minha amiga, não vai ser fácil. Mas, por você ser dependente financeiramente dele, teoricamente, você vai ter direito de receber uma pensão por um tempo. Mas eu tenho uma ideia melhor aqui para você, que é você participar do sorteio da mulher Legalmente Transformada. Porque além de todos os looks, de toda a transformação no seu visual, você vai ganhar um curso em uma faculdade EAD. E além de tudo, vai ganhar um [curso] Legalmente Poderosa, um [curso] Legalmente Digital. Tratamento com psicólogo, tratamento com nutricionista. Então, vai ser um Legalmente Transformada onde você vai dar uma volta por cima sustentável. Não vai ser só ali na sua aparência. Você vai conseguir se formar em uma faculdade. Vai conseguir aí melhorar

psicologicamente para você se fortalecer. Para você ver o seu valor e, ó, dar um tchauzinho, assim, para ele (<https://www.instagram.com/p/CqL-hJSDV2Z/>).

O discurso promove a ideia de que investir no seu desenvolvimento e fazer as escolhas certas bastam para superar a desigualdade de gênero, o que nos remete à regularidade pós-feminista central na narrativa da advogada: *o foco na individualidade, no empoderamento e na escolha*. Miriane não se cansa de enfatizar que é a mulher que tem que tomar uma atitude e tomar as decisões certas, como obter sua independência financeira, tirar os príncipes de sua vida e deixar o homem exercer o seu papel de provedor, reforçando a narrativa neoliberal de poder de escolha e meritocracia:

Seguidora: Vendo doces e cuido do meu filho atípico. O marido fala que não faço mais que obrigação, tá certo? Miriane: Não está certo. Qualquer coisa diferente de ser bem tratada, amada e respeitada, você não tem que aceitar. Você merece muito mais do que isso, minha amiga. E normalmente as pessoas nos tratam de acordo com aquilo que permitimos. Então, não aceite o menos (<https://www.instagram.com/p/CoAmy5WD83p/>).

Seguidora: Estava namorando um homem que ainda era casado, mas que dizia que não tinha mais nada com a esposa e que só morava lá porque não tinha para onde ir. Saí da casa da minha mãe, montei um apartamento e agora que está tudo pronto, ele disse que não vai porque a esposa está doente. Sinto que fui enganada. Posso processá-lo?

Miriane: Olha, minha amiga. Sinto em te dizer, mas com certeza você foi enganada. E aí você errou pelo menos umas três vezes. A primeira, por ter se envolvido com homem casado. A segunda, por acreditar que ele não tinha nada com a esposa. E a terceira, por montar apartamento para homem. Está tudo errado. O mínimo que vai acontecer aí é você ter que arcar com as consequências dos seus erros. E posso falar? Se você já tivesse adquirido o Legalmente Poderosa, você não teria passado por nada disso. Então, antes de entrar em outro relacionamento furado, vai lá na minha bio e adquira o seu (https://www.instagram.com/p/Cnh_fDKoV3x/).

Seguidora: Dra., meu marido reclama do extrato do cartão de crédito, porém não me deixa trabalhar fora. O que fazer?

Miriane: Como assim não te deixa trabalhar fora? Essa época já passou. Você é dona da sua própria vida. Eu, se fosse você, arrumava um emprego, ia trabalhar bem linda, e ainda assim gastava no cartão dele (<https://www.instagram.com/p/Ck39y6Zj-qz/>).

Seguidora: Professora, ganho pouco. Noivo bem de vida quer que eu pare de trabalhar depois do casamento. É seguro?

Miriane: Não, minha amiga. Isso é tudo, menos seguro. Não faça isso, sabe por quê? Se lá na frente as coisas não derem certo. Claro, ninguém se casa para separar, mas as pessoas se separam. Então, a gente também tem que pensar nisso. Se tudo não estiver correndo do jeito que você gostaria, se quiser se separar, você pega as suas coisinhas, vai embora e você tem como se manter. Agora, se você estiver dependendo financeiramente dele, tudo muda de figura. E sabe o que acontece na maioria dos casos? Aquela mulher que trabalhou a vida inteira em casa e que cuidou dos filhos? Depois, na hora de separar, o homem vem aqui e chama ela de preguiçosa. Então, não faça isso, usa o fato de ele ter uma boa condição financeira a seu favor. Porque aí você pode trabalhar para gastar com as suas coisinhas e ele paga as despesas da casa. Continue trabalhando (<https://www.instagram.com/p/CkOy-5Dg3I/>).

Seguidora: Meu namorado disse que, quando a gente se casar, ele vai me dar uma vida de princesa. Se não tiver, posso cobrar?

Miriane: Olha, minha amiga, nem que ele coloque tudo isso aí por escrito, ainda assim você não vai ter garantia de nada. Posso falar? A única pessoa que pode te dar uma vida de princesa é você mesma. O resto é tudo ilusão. Nesse caso aí você vai ser no máximo a esposa do príncipe e caso vocês se separem, você volta a ser plebeia de novo. Então, corra você atrás do seu e seja você a princesa do seu próprio castelo (<https://www.instagram.com/p/CIZf426D1eS/>).

Nesse contexto, entra também o *ressurgimento das diferenças sexuais naturais*, outra regularidade destacada por Gill (2007) e que se faz muito presente quando a advogada afirma que o homem tem a *necessidade* de ser provedor. Com essa afirmação, Miriane deixa claro que a diferença entre os sexos é algo natural (biológico/psicológico) e independe das práticas sociais instituídas:

Seguidora: Namorado acomodado, ganho cinco vezes mais. Qual o melhor regime de bens?

Miriane: Amiga, o melhor aí é nem se casar. Sabe por quê? Tem alguns defeitos do homem que são inegociáveis e ser acomodado é um deles. Não é nem sobre o quanto ele ganha, mas sim sobre a atitude. O homem tem que ser lutador, provedor, protetor. Porque, senão, nem adianta começar, minha amiga. Sabe o que vai acontecer se vocês se casarem? Você vai começar a fazer o papel de mãe dele e, aí, como mãe, ele não vai te respeitar. E aí para afirmar a autoestima dele, o que ele vai fazer? Ele vai te trair para provar que ele é homem com outras mulheres porque com você, como você está fazendo o papel que ele devia fazer, ele não consegue. Então, não se case. Mas se você for teimosa e insistente, casa-se pela separação de bens. Mas antes, vai lá na minha bio e adquire o Legalmente Poderosa porque fora o regime de bens, eu também falo sobre o papel da mulher e do homem no relacionamento (<https://www.instagram.com/p/CqItRqOjXw3/>).

Seguidora: Depois que comecei a trabalhar e ganhar dinheiro, meu marido se acomodou e não põe mais dinheiro em casa. O que que eu faço?

Miriane: Olha, minha amiga, como pelo jeito não foi sempre assim, eu acho que vale muito a pena uma conversa. Porque a grande tendência de vocês, se vocês continuarem nessa situação é a de vocês se afastarem. Porque quando existe essa inversão nos papéis, quando a mulher toma o papel de provedora, a tendência é a falta de respeito entre o casal porque aí você toma o papel de mãe e ele o papel de filho. Ele não vai te respeitar como esposa e você também não vai admirar, respeitar ele como homem. Então, o melhor a fazer é uma boa conversa e botar o princesinho para trabalhar, né? (<https://www.instagram.com/p/CkCLcAED-1D/>).

O *consumismo* e a *mercantilização da diferença*, duas outras regularidades apontadas por Gill (2007) como temas característicos da sensibilidade pós-feminista, também são percebidas na narrativa de Miriane. O consumo de soluções como procedimentos estéticos, já mencionado anteriormente, é aconselhado pela advogada para manutenção da autoconfiança, assim como o de produtos de grife, símbolos de poder aquisitivo, evidenciado em um dos *reels* analisados (<https://www.instagram.com/p/CoqaO4xDuma/>), que mostra a advogada compondo o visual com cinto da marca Chanel, relógio Cartier e joias de ouro, supostamente, para mais um dia de trabalho, ao som de Flowers, de Miley Cyrus, cuja letra enfatiza a autossuficiência e o amor-próprio. A postagem, que teve como legenda: "Se você pode sonhar, você pode alcançar. Então sonhe alto!!", associa o sucesso e a autorrealização ao poder de consumo e à beleza através da justaposição dos elementos verbais e não verbais.

Já a *mercantilização da diferença* compõe a essência do seu negócio no Instagram. Ao comoditizar a causa feminista, Miriane cria um nicho de mercado específico para o Direito de Família, criando a partir daí uma série de produtos comercializados por ela, como os cursos 'Legalmente Poderosa' e 'Legalmente Digital' – que se propõem, respectivamente, a ensinar as mulheres a se protegerem dos 'príncesos' e a ganharem dinheiro com a criação de uma imagem no ambiente digital – e 'O Diário de Miriane', uma espécie de grupo fechado no qual ela revela aspectos pessoais da sua vida.

As únicas regularidades elencadas por Gill (2007) que são pouco percebidas na narrativa de gênero de Miriane são a *sexualização da cultura* e a *subjetificação das mulheres*. Tais regularidades, por terem forte ligação com a liberdade sexual, conflitam com os referenciais religiosos que permeiam a visão da advogada sobre os papéis de gênero.

Conclusões

A análise pragmática das postagens realizadas por Miriane Ferreira em seu perfil no Instagram nos possibilitou contextualizar a narrativa da advogada nas três instâncias de análise propostas por Motta (2013). No plano da expressão, identificamos que tal narrativa se enquadra dentro da estética pós-moderna das micronarrativas (Núñez, 2020), já que os conteúdos têm, em média, 28 segundos (hiperbrevidade), são apresentados em formato de cápsulas narrativas (fragmentariedade), nas quais a narradora tanto expõe experiências pessoais (autorreferencialidade) quanto adota uma postura distanciada para responder as questões enviadas pelos seguidores (metanarratividade) com base na lei, em preceitos neoliberais e feministas, recorrendo a arquétipos e práticas sociais estabelecidas pela comunicação narrativa secular dos contos de fadas (intertextualidade).

No plano da história, ao reconstituirmos o princípio, o meio e o fim da narrativa de gênero de Miriane, identificamos que os ciclos dramáticos (Bremond, 1971) que a compõem reproduzem a trajetória do estereótipo feminino nos últimos 70 anos (Tasker & Negra, 2007), mesmo processo identificado na análise da evolução das princesas Disney (Breder, 2015; Lopes, 2015; Melo, Jr., 2022). Dessa forma, evidenciamos uma correlação entre a teorização de Tasker e Negra (2007), a evolução da narrativa das animações Disney e os ciclos identificados na constituição da narrativa de Miriane Ferreira, como podemos sintetizar na tabela a seguir:

Table 1: Transformação das representações femininas.

Contexto social	Na narrativa de gênero de @dra.mirianeferreira	Na teorização de Tasker e Negra (2007)	Nas animações Disney Princesa
Antes da Segunda Onda feminista	Abdica da carreira pela família e no divórcio não tem sua contribuição reconhecida	Mulher tradicional: mãe, esposa e dona de casa	Princesas clássicas: frágeis, submissas e à espera de serem salvas e felizes para sempre pelo casamento

A partir da Segunda Onda feminista	Toma as rédeas da sua vida: conhece seus direitos, investe na sua independência financeira e não aceita a condição de submissão	Mulher sujeito: dona de uma individualidade que vai além do seu papel de esposa e mãe	Princesas rebeldes: individualidade, têm seus próprios sonhos, vontades e desejos
Feminismo cooptado pelo pós-feminismo	Aceita a diferença sexual "natural": homem precisa se sentir o provedor para ser um bom marido	Mulher empoderada/guerreira: alvo de um "feminismo" capitalizado pelo neoliberalismo	Princesas contemporâneas: individualidade equilibrada com o resgate de valores tradicionais

Fonte: a própria autora.

O comparativo mostra a influência do discurso pós-feminista como estrutura profunda da narrativa, hipótese que norteou esta investigação e que foi confirmada com a análise do plano da metanarrativa, no qual foi possível identificar a maioria das regularidades de conceitos e enunciados, enumeradas por Gill (2007), como características dessa formação discursiva.

No que tange a evocação dos contos de fadas na narrativa de gênero da advogada, foi possível identificar que a relação entre homem provedor e príncipe, articulada por Miriane, tem o propósito de imbuir o primeiro da perfeição instituída ao segundo no imaginário social pelas narrativas seculares dos contos de fadas (Bettelheim, 2002). Já a criação do personagem prínceso é uma estratégia de manter a relação binária, tão explorada nas fábulas, polarizando o bem e o mal, de forma a que o homem provedor mantenha a imagem imaculada de perfeição do príncipe, enquanto o prínceso assume a função de vilão que precisa ser combatido. A escolha do termo 'prínceso' também não é aleatória, apesar de poder ser inconsciente por parte da advogada. Ela carrega o significado negativo atribuído ao estereótipo da princesa clássica pelo pós-feminismo, que instituiu a mulher empoderada (a princesa guerreira) como o novo ideal feminino da contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- Almeida, M. (24 de outubro de 2022). Miriane Ferreira, a advogada influencer que alerta mulheres sobre direitos no casamento. *Exame Invest*. <https://exame.com/invest/minhas-financas/miriane-ferreira-advogada-influencer-alerta-mulheres-direitos-casamento/>
- Alves, M. (17 de dezembro de 2022). Quem é Miriane Ferreira, advogada que viralizou nas redes sociais e foi parar na televisão. *Folha de São Paulo*. <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/12/quem-e-miriane-ferreira-advogada-que-viralizou-nas-redes-sociais-e-foi-parar-na-televisao.shtml>

- Andrade, L. C., & Cunha, R. C. (2020). Desconstruindo o estereótipo de princesa da Disney: Uma análise da insubmissão de Merida às imposições de gênero no filme de animação Brave. Em J. B. de Moura & F. L. J. Magalhães, *Anais do III Encontro Nacional Discurso, Identidade e Subjetividade - ENDIS* (pp. 44-56). EDUFPI. https://fa0c7dd0-28e6-48ef-97f2-be4f77567c02.filesusr.com/ugd/fc3fc3_f2f39b7968df4d7_4a21a0942826afcea.pdf
- Azevedo, A., Jardim, M., & Costa, A. S. (2017). Empoderamento feminino em Belém: Análise das narrativas publicadas no perfil do Instagram @girlpowerbelem. *Asas da Palavra*, 14 (1), 71-82. <https://doi.org/10.17648/1415-7950-v14n1-988>
- Banet-Weiser, S. (2007). What's your flava? Race and postfeminism in media culture. Em Y. Tasker, & D. Negra (Eds.), *Interrogating postfeminism: Gender and politics of popular culture* (pp. 201-226). Duke University Press.
- Banet-Weiser, S. (2018). *Empowered: Popular feminism and popular misogyny*. Duke University Press.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Zahar.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Vozes.
- Bettelheim, B. (2002). *A psicanálise dos contos de fadas*. Paz e Terra.
- Breder, F. C. (2015). *Feminismo e príncipes encantados: A representação feminina nos filmes de princesa da Disney*. e-Galáxia.
- Bremond, C. (1971). A lógica dos possíveis narrativos. Em R. Barthes, A. J. Greimas, C. Bremond, U. Eco, J. Gritti, V. Morin, C. Metz, T. Todorov & G. Genette (Eds.), *Análise estrutural da narrativa*. Vozes.
- Both, L. M., & Chaves, J. (2018). As representações identitárias nas animações cinematográficas dos contos de fadas. *Educação, Sociedade & Culturas*, 52, 105-132. <https://doi.org/10.34626/esc.vi52.77>
- Castells, M. (2016). *O Poder da Comunicação*. Paz e Terra.
- Datareportal. (2025). *Digital 2025: Brazil*. https://datareportal.com/essential-instagram-stats?utm_source=DataReportal&utm_medium=Country Article Hyperlink&utm_campaign=Digital 2025&utm_term=Brazil&utm_content=Instagram Stats Link
- Dean, J. (2010). Feminism in the papers: Contested feminisms in the British quality press. *Feminist Media Studies*, 10(4), 391-407. <https://doi.org/10.1080/14680777.2010.514112>
- Dias, C. (04 de outubro de 2022). *De aconselhamento no Instagram a quadro no Faustão: Quem é Dra Miriane, advogada que viralizou nas redes*. IstoÉ. <https://istoe.com.br/de-conselhos-no-instagram-a-quadro-no-faustao-quem-e-dra-miriane-advogada-que-viralizou-nas-redes/>
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber*. Forense Universitária.
- Fraser, N. (2009). O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações*, 14(2), 11-33. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2009v14n2p11>
- G1-Globo. (01 de julho de 2021). *Chefe do Instagram diz que app não é mais voltado para compartilhar fotos: Rede deve ficar mais parecida com TikTok*. G1.

<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/07/01/chefe-do-instagram-diz-que-app-nao-e-mais-voltado-para-compartilhar-fotos.ghtml>

- Gaelzer, V., Moreira, R., Lunardi, A. d., & Zanella, G. B. (2020). Contos de fada e as mulheres: Ressignificando leituras. *Brazilian Journal of Development*, 6(9), 71670-71687. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n9-566>
- Gallagher, M. (2013). Media and the representation of gender. In C. Carter, L. Steiner, & L. McLaughlin, *The routledge companion to media and gender* (pp. 42-50). Routledge.
- Gill, R. (2007). Postfeminist media culture: Elements of a sensibility. *European Journal of Cultural Studies*, 10(2), 147-166. <https://doi.org/10.1177/1367549407075898>
- Gill, R., & Orgad, S. (2016). The confidence cult(ure). *Australian Feminist Studies*, 30(86), 324-344. <https://doi.org/10.1081/08164649.2016.1148001>
- Gill, R., & Scharff, C. (2011). *New femininities: Postfeminism, neoliberalism and subjectivity*. Palgrave Macmillan.
- Halverson, J. R., Goodall Jr., H. L., & Corman, S. R. (2011). *Master narratives of islamist extremism*. Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-0-230-11723-5_2
- Lewis, P., & Simpson, R. (2017). Hakim revisited: Preference, choice, and the postfeminist gender regime. *Gender, Work and Organization*, 24(2). <https://doi.org/10.1111/gwao.12150>
- Lewis, P., Benschop, Y., & Simpson, R. (2017). Postfeminism, gender and organization. *Gender, Work and Organization*, 24(3), 231-225. <https://doi.org/10.1111/gwao.12175>
- Lopes, K. E. (2015). *Análise da evolução do estereótipo das princesas Disney*. [Dissertação, Universitário de Brasília]. Repositório. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7620/1/20977757.pdf>
- Martín-Barbero, J. (2003). Globalização Comunicacional e Transformação Cultural. Em D. de Moraes (ed.). *Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder*. Record.
- Marwick, A. E. (2013). *Status Update: Celebrity, Publicity, and Branding in the Social Media Age*. Yale University Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt5vkzxr>
- McRobbie, A. (2009). *The aftermath of feminism: Gender, culture, and social change*. Sage.
- Melo Jr., A. A. (2022). *Era uma vez a "princesa guerreira": O discurso e as performances de gênero nos filmes de princesas da Disney*. [Dissertação, Universidade Federal de Campina Grande]. Repositório. <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/24844>
- Mendes, K., & Carter, C. (2008). Feminist and gender media studies: A critical overview. *Sociology Compass*, 2(6), 1701–1718. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2008.00158.x>
- Motta, L. G. (2013). *Análise crítica da narrativa*. Editora UnB.
- Núñez, D. N. (2020). La micronarrativa como manifestación de la estética posmoderna y sus alcances para la comunicación publicitaria actual. *Publicitas: Comunicación y Cultura*, 8(2), 14-30. <https://doi.org/10.35588/publicitas.20.8.2>

- Oliveira, C. D. (2020). O declínio do homem provedor chefe de família: Entre privilégios e ressentimentos. *Crítica Histórica*, pp. 202-228. <https://doi.org/10.28998/rchv11n22.2020.0010>
- Parsons, L. T. (2004). Ella evolving: Cinderella stories and the construction of gender-appropriate behavior. *Children's Literature in Education*, 35(4), 135-154. <https://doi.org/10.1023/B:CLID.0000030223.88357.e8>
- Randazzo, S. (1996). *A criação de mitos na publicidade: Como publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criarem marcas de sucesso*. Rocco.
- Ryan, M. (2014). Narration in various media. Em P. Hühn, J. C. Meister, J. Pier & W. Schmid (eds.), *The living handbook of narratology*. Hamburg University. <https://www-archiv.fdm.uni-hamburg.de/lhn/node/53.html>
- Simões, R. B., Costa, B. F., & Baeta, A. D. (2023). Mapping Feminist Politics on Tik Tok during the COVID-19 Pandemic: A Content Analysis of the Hashtags #Feminismo and #Antifeminismo. *Journalism and Media*, 1(4), 244-257. <https://doi.org/10.3390/journalmedia4010017>
- Tasker, Y., & Negra, D. (2007). *Interrogating postfeminism: Gender and the politics of popular culture*. Duke University Press.